

# O HOMEM PÓS-MODERNO EM *HARMADA*, DE JOÃO GILBERTO NOLL

Ana Claudia Lima de Almeida<sup>1</sup>

Maria Edinete Tomas<sup>2</sup>

Resumo - Este trabalho discute o romance *Harmada*, de João Gilberto Noll, com a intenção maior de verificar como o homem pós-moderno nela é estilisticamente simbolizado diante das problemáticas do contexto histórico no qual se acha inserido. Para tanto, parte-se da premissa de um possível diálogo entre realidade histórica e arte, de pesquisa teórica com foco no que é dito sobre pós-modernidade e sobre a expressão poética desta no pós-modernismo, dialogando-se com a teoria literária (HUTCHEON, 1991), a filosofia (GIDDENS, 2002) e a sociologia (BAUMAN, 2004; HALL, 2005). Discute-se o homem pós-moderno privilegiando-se os conceitos de identidade e de afetividade, alusivos aos aspectos humanos que se percebeu melhor simbolizados no romance em questão.

Palavras-chave: Pós-modernidade. Pós-modernismo. *Harmada*. Identidade. Afetividade.

## 1 INTRODUÇÃO

O homem é um ser cujo grau de complexidade parece que se vem ampliando com o tempo e com a intervenção humana na história, isso refletindo-se nas artes, sobretudo na literatura, vista por Barthes

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa - pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. E-mail: ana\_clauli@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Mestre em Gestão Educacional pela UIL/Portugal. Professora Assistente do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Email: editomas@hotmail.com.

(1977) como “fulgor do real”. Tal assertiva pode ser verificada com o advento da pós-modernidade, propondo valores e crenças que abalam definitivamente as certezas humanas do mundo moderno. No âmbito da pós-modernidade madura surge o modernismo enquanto movimento estético e, deste, o pós-modernismo, que adentra à contemporaneidade, porquanto nada haver de oficial acerca de limites conceituais entre eles.

Na esteira de Barthes, Bakhtin (2002) também reconhece o diálogo entre realidade literária e realidade extraliterária, mesmo que ambas conservem suas respectivas peculiaridades. Com base em Perrone-Moisés (2006), a mencionada relação manifesta-se quando a linguagem literária, impossibilitada de dar conta da complexidade que envolve o homem e seu *fatum*, emprega o símbolo que a eles alude, quando da criação da supra realidade artística.

Muitos são os estudos científicos e filosóficos que se debruçam sobre a sociedade pós-moderna e sua melhor expressão: o homem. Embora ainda não se disponha de uma síntese a respeito de tal assunto e de sua representação nas artes, é possível visualizar um esboço de perfil humano a partir do que se acha teoricamente posto. Sobre as características da sociedade pós-moderna apontadas pelos sociólogos, acham-se a indefinição de identidade própria, destacada por Hall (2005) e liquidez dos valores, afetos e costumes pontuada por Bauman (2004).

O presente estudo, pois, discute o homem pós-moderno e seus contextos no cenário do romance *Harmada*, de autoria do escritor gaúcho João Gilberto Noll, publicado em 1993. Busca nele verificar como o homem pós-moderno e seu contexto histórico são simbolicamente representados na linguagem literária de Noll.

Em linhas gerais, o enredo de *Harmada* aborda o processo circular de desumanização - humanização do narrador autodiegético, via de regra, envolvendo a fragmentação das relações interpessoais e do próprio eu desse narrador.

A obra retrata a incompletude de pensamentos e desejos, angústia e inquietação, de um indivíduo que vive em diferentes cenários aos arredores de *Harmada* em busca de algo aparentemente indefinido. Durante suas andanças, experimenta situações diversas, que não dão conta de suprimir suas necessidades. Inclusive, a infinidade de personagens que cruzam seu caminho envolve-lhe num jogo de emoções conflituosas e o incentiva a voltar à cidade de Harmada. As relações aparecem num contexto questionador, ampliando e consolidando discursos duvidosos do narrador personagem.

Apesar dos equívocos descobertos no caminho, o protagonista que no início sofre uma despersonalização na possibilidade de reconhecer-se no universo, parece no final da narrativa, amparar-se pelo menos na probabilidade de situar-se como um sujeito humano, que interage com seus conflitos, medos e esperanças.

Para auxiliar na compreensão da pós-modernidade, bem como do homem pós-moderno, optou-se por organizar o texto em seções que possam esclarecer os diversos aspectos observados. A discussão dos resultados, por sua vez, organizou-se em torno de quatro eixos. No primeiro, contempla-se a multiplicidade de circunstâncias em que se passa a obra, alicerçada pelo segundo que discorre sobre o metajogo envolvente da narrativa, e como terceiro e quarto a configuração do homem pós-moderno e sua relação com o outro. A análise de *Harmada*, constitui um elemento relevante na compreensão do mundo contemporâneo.

## **2 A PÓS-MODERNIDADE EM *HARMADA***

### **2.1 Os múltiplos contextos**

O presente subitem tem pretensões introdutórias ao situar o romance em estudo no contexto estilístico do pós-modernismo, com enredo ambientado na contemporaneidade, aqui tratada como intrínseca à pós-modernidade em face do desconhecimento de estudo que as separe.

Um breve olhar para os estudos que discutem os conceitos de pós-modernismo, pós-modernidade e contemporaneidade revela a dificuldade em precisá-los. Observa-se o que diz Marbela (2006, p. 13, apud PUCCA, 2007, p. 5):

Em um sentido geral, o pós-modernismo sustenta a proposição de que a sociedade ocidental, nas décadas mais recentes, passou por mudanças de Era Moderna para “Pós-moderna”, que se caracteriza pelo repúdio final da herança da Ilustração, particularmente da crença na “Razão” e no “Progresso”, e por uma insistente incredulidade nas grandes metanarrativas, que imporiam direção e sentido à história, em particular à noção de que a história é um processo de emancipação universal. No lugar de grandes metanarrativas do gênero, afirma-se, vieram uma multiplicidade de discursos e jogos de linguagem, o questionamento da natureza do conhecimento com uma dissolução da ideia de verdade.

Com base em Giddens (2002), a modernidade, na sua tentativa de explicar o mundo, a partir do contexto de originalidade, instituiu um conjunto de princípios e valores, bem como um novo modelo de sociedade e de produção de bens de consumo; promoveu o avanço científico e tecnológico que alavancaram uma nova percepção de desenvolvimento humano e social. Contudo, paralela a essa realidade e em seu próprio bojo, aos poucos foram-se revelando as contradições do mundo moderno, estabelecendo-se o questionamento de suas conquistas e de seus paradigmas, resultando no que ficou conhecido como pós-modernidade.

Desse universo ideológico, despontam os reflexos nas artes, as concepções modernistas e pós-modernistas, que nem sempre são demarcadas com base no contexto histórico-social de onde emergiram. Não se pode falar em pós-modernidade e pós-modernismo, ignorando-se os referentes aos quais se contrapõem. Assim sendo,

embora que rapidamente, vale esclarecer como tais conceitos são compreendidos e considerados neste estudo.

Nessa perspectiva, pode-se considerar a relação entre história e arte, entre esta e a realidade humana, visualizada por Barthes (1977), Bakhtin (2002) e tantos outros. Embora história e arte conservem sua autonomia, sua linguagem, seu modo próprio de relacionar-se com o homem e seu *fatum*, de tentar revelá-lo; embora, a própria linguagem não dê conta de representar fielmente o real, não se pode negar sua tentativa de fazê-lo. No caso específico da literatura, a realidade humana, o fato histórico, ganham o status de símbolo, enquanto “fulgor” ou alusão, como percebe Perrone-Moisés (2006).

Em especial, tais marcas traduzem-se na revelação ficcional da complexidade do homem pós-moderno em suas relações consigo e com o outro; na inexorável solidão humana; na perspectiva da multiplicidade de discursos e de jogos de linguagem.

## **2.2 O metajogo**

A narrativa pós-moderna é desafiadora. Em virtude do dinamismo e deslocamento, requer do leitor uma maior profundidade de questionamentos e sugestões, que possibilitem uma possível compreensão dos fatos, visto que, na pós-modernidade não há uma situação concluída de verdade absoluta, mas, apenas indícios de uma tentativa de entendimento do momento.

É nesse projeto reflexivo do eu que *Harmada* vai sendo construída, a partir de situações que se apresentam simultâneas à fala interior do narrador numa perspectiva de acontecimento momentâneo. Esse narrador-personagem, que é desconhecido, em um processo de desdobramento de si, relata da sua maneira, uma infinidade de anseios, devaneios, acometido em uma crise existencial, que o circunda, fazendo-o experimentar uma ideia de além liberdade, que o torna independente para ser o que quiser. Pode-se perceber pela sua reflexão quando afirma:

Fiquei assim por algum tempo, parado pensando nos últimos acontecimentos[...], me perguntando se tudo fora composto mesmo por acontecimentos, por fatos que despontam na superfície de segundos, [...], ou se tudo não passava um breve colapso entre a aparência e o íntimo das coisas (NOLL,2013, p.15).

Para Hutcheon (1991), o pós-moderno constitui uma força problematizadora em nossa cultura atual, pois levanta questões sobre o senso comum e o "natural". Mas nunca oferece respostas que ultrapassem o provisório e o que é contextualmente determinado. No romance *Harmada*, o protagonista por não ceder às pressões estabelecidas por uma sociedade capitalista, de submissão profissional, resolve desprender-se de uma realidade que para ele é ultrapassada, inconveniente e sai à procura de um horizonte obscuro e secreto. Sua trajetória é incerta, pois além de não apresentar resoluções concretas, transita no âmbito limitado, imprevisível, de caráter passageiro.

O que parece ser o fato mais espantoso sobre o pós-modernismo: sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico que formavam uma metade do conceito baudelairiano de modernidade. Mas o pós-modernismo responde a isso de uma maneira bem particular; ele não tenta transcendê-lo, opor-se a ele e sequer definir os elementos “eternos e mutáveis” que poderiam estar contidos nele. O pós-modernismo nada, e até se esboça, nas fragmentárias e caóticas correntes da mudança, como se isso fosse tudo que existisse. (HARVEY, 1992, p. 49)

Nesse cenário, a obra aparece inacabada, sem uma sequência linear, onde os discursos aleatórios e solúveis são insuficientes para desmembrar os impasses. Porém, a narrativa não tenta resolver os problemas que a cercam. Reconhece o estado degradado que se encontra e segue sua escrita sem prender-se ao discurso pronto. As cenas desnudam através de imagens descontextualizadas e contínuas, conferindo à obra um tom enigmático e de complicada compreensão.

Segundo Foucault citado por Hutcheon (1991, p.33), “analisar discursos é ocultar e revelar contradições; [...] é manifestar a forma como esse discurso consegue expressá-las, incorporá-las ou proporcionar a elas uma aparência temporária”. Sendo assim, o sujeito pós-moderno que tento desvendar, não é confiável, visto que aponta para direções e caminhos duvidosos, efêmeros e inconstantes a serem observados.

O narrador-personagem frequenta diversos lugares bem diferentes, um matagal, um hotel, um albergue, e a cidade de Harmada

(NOLL,2013). Todo esse trajeto é descrito na narrativa de maneira ininterrupta, sem pausas ou separações.

Através dessa concatenação de ideias e situações expressadas pelo protagonista, de maneira bem natural e surpreendente, e onde sua caminhada parece infinita, o romance envolve o leitor num conjunto de informações que remetem ao sentimento de imprecisão e instabilidade diante da vida. Nesse contexto, ressalta Lyotard (2011, p. 33):

A alternativa pós-moderna seria aquela em que os jogos encontram legitimidade em sua própria pragmática, podendo compartilhar zonas de intersecção com outros jogos, sem que confiem a um metajogo os parâmetros para sua legitimação. Nessa alternativa, esse metajogo, além de ser alvo da incredulidade, não se apresenta com suficiente consistência e a mesma capacidade de aglutinação dos outros jogos. A esse metajogo foi dado o nome de metanarrativa.

O romance pós-moderno, em *Harmada*, move-se sem um alvo ou objetivo central, e não possui uma sustentação autoconsciente. Dessa forma, segue sem rumo, amparado pelas suas próprias convicções e ações, e possui, segundo Schøllhammer (2009), um caráter intempestivo, ou seja, fora de um contexto previsível e de uma linguagem determinada, no sentido de que, devido aos acontecimentos súbitos, consegue enxergar seu tempo e por não se sentir conectado, cria um artifício por onde é expressado. Tem-se a sensação de um esvaziamento do conteúdo, em que o leitor não se depara prontamente com algo dramático, e a partir daí nutre um sentimento

de indiferença em relação ao contexto desolador do narrador-personagem.

Nessa perspectiva pode-se reconhecer o aspecto da obra, enquanto pós-moderna, considerada por Hutcheon (1991, p. 20) “como um efeito fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político”.

O romance é resolutamente um relato de um homem perdido e inconformado, que tragado por uma sociedade tecnológica, movida por interesses supérfluos e materiais, acaba tornando-se egocêntrico e descrente da vida. Fatalmente sua condição cultural é afetada, à medida que as palavras são proferidas abertamente, sem restrição de comportamentos, assumindo um novo grau de civilidade. Isso reflete-se em situações divergentes, encontradas em todo o percurso da narrativa, representada por um sujeito pós-moderno irresoluto.

A fragmentação do teor, representa algo impressionante, em *Harmada*. As tramas se alongam involuntariamente, de modo que o descritor, não necessita situá-las no tempo. Os eventos do indivíduo, também podem ser compreendidos a partir da contagem de sensações emitidas pelo herói como a seguir:

[...], ouvi o ruído minúsculo de gotas que poderiam estar pingando em algum espelho d'água, às vezes o ruído era seco, espetado, parecendo o de uma gota se chocando com a superfície de um zinco, quem sabe de uma lata – fosse onde fosse tinha o timbre agudo, a duração certa, e poderia me acalmar (NOLL, 2013, p. 7).

No âmbito geral, se faz perceptível no texto, a manifestação da subversão de princípios e aspirações do ser humano. Posto que, sendo habitante de um mundo integrado e impregnado de ideias contestáveis, expressa-se através das circunstâncias a que foi submetido, não havendo garantia de felicidade.

### **2.3 O homem**

O mundo pós-moderno, e mesmo o contemporâneo, resulta de um processo de transformação social e política, alicerçado em inúmeros conflitos, por meio dos quais a sociedade buscou o desenvolvimento e o progresso. Com o acelerado avanço tecnológico e a globalização econômica, o homem passou a ter acesso a um ilimitado conjunto de informações que o leva a questionar paradigmas historicamente vigentes. O narrador autodiegético de *Harmada* possui muitas de tais características. Pode ser visto como um cosmopolita inquieto e atormentado, que circula por diferentes espaços, pouco demonstrando apego a princípios e valores tradicionais.

O comportamento do narrador aponta para as ocorrências inovadoras da pós-modernidade, que desenvolveram no homem pós-moderno exacerbado individualismo e ceticismo em relação ao outro, levando-o mesmo a não encontrar referente no qual apoiar o desenvolvimento de uma identidade própria, como discute Hall (2005).

No romance em estudo, o narrador revela-se um homem inominado, que vaga por diferentes lugares, em busca, provavelmente, de si próprio. Nos caminhos desconhecidos que percorre, inicialmente aparenta estar numa situação conveniente de total desprendimento do mundo, preso em si, apenas no seu individualismo, com total ausência de identidade e responsabilidade. Essa imagem corresponde ao que diz Hall (2005, p. 12) sobre o sujeito pós-moderno, que “[...] tendo vivido previamente com uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas”.

De fato, o célere processo de transformação no qual se origina a pós-modernidade constrói-se numa realidade sobre a qual diz Giddens (2002, p. 22): “[...] o mundo moderno é um mundo em disparada: não só o ritmo da mudança social é mais rápido; a amplitude e a profundidade com que ela afeta práticas sociais e modos de comportamento preexistentes são maiores”.

O homem pós-moderno, pois, vive sob o signo desse desenvolvimento acelerado, que o atordoa, dissolve antigos paradigmas e o impossibilita de substituí-los por outros que perdurem o tempo necessário à verificação de sua consistência ou de sua pertinência no mundo em que vive. Assim, esse homem deixa de valorizar o conhecimento enquanto instrumento de significação, passando a importar-lhe não o conteúdo, mas a velocidade no acesso e no consumo desse conhecimento.

Acerca do mundo em discussão, coloca Bauman (1998, p. 121-122):

O mundo pós-moderno é qualquer coisa, menos imóvel – tudo, nesse mundo, está em movimento. Mas os movimentos parecem aleatórios, dispersos e destituídos de direção bem delineada (primeiramente, e antes de tudo, uma direção cumulativa). É difícil, talvez impossível, julgar sua natureza “avançada” ou “retrógrada”, uma vez que o interajustamento entre as dimensões espacial e temporal do passado quase se desintegrou, enquanto os próprios espaço e tempo exibem repetidamente a ausência de uma estrutura diferenciada ordeira e intrinsecamente. Não sabemos, com toda certeza (e não sabemos como estar certos de o saber), onde é “para frente” e onde “para trás”, e desse modo não podemos dizer com absoluta convicção que movimento é “progressivo” e qual é “regressivo”.

Em *Harmada*, o narrador apresenta-se nesse atordoamento ou alheamento diante da realidade, por isso mostra-se sempre insatisfeito, em constante movimento, que muitas vezes, parece ocorrer em círculos concêntricos, porquanto envolver também o espaço-tempo da memória. O narrador lança-se por espaços desconhecidos, que não sustentam afirmações e nem negações, mas que o instigam em todo seu percurso, a assumir atitudes, muitas vezes insólitas ou distantes do que ainda se apresenta como parâmetro de racionalidade ou de convencionalismo.

No início da narrativa, o narrador diz para si mesmo enquanto se espoja voluntariamente numa poça de lama: “Aqui ninguém me vê.

E eu posso enfim deitar na terra. Aproveitar a terra que virou lama depois do temporal” (NOLL, 2013, p. 5).

Lembra Perrone-Moisés (2006) que a realidade literária dialoga com a realidade extraliterária fazendo uso do símbolo. Nessa perspectiva, o trecho acima dá margem a se perceber múltiplos sentidos para a atitude dispersa do narrador a partir de termos como “temporal” e “lama”. A noção que convencionalmente se faz de ambos nem é positiva, porquanto o primeiro vir associado à violência e destruição; o segundo ao que causa nojo, ao líquido informe e sujo, lembrando a liquidez na qual Bauman (2004) diz movimentar-se as sociedades pós-modernas. E é nesta direção que o fluxo da consciência do narrador parece permear a narrativa, dado o caudal de situações adversas no qual ela se constitui.

O procedimento aparentemente irracional do narrador ao espojar-se na lama e sentir-se bem, logo no início da narrativa é por ele significado como uma atitude de liberdade, haja vista achar-se só, não sujeito à censura alheia. Aí, evidencia-se a fragilidade e conseqüente condição infra-humana do indivíduo pós-moderno, uma vez que, a ação torna-se responsável pela emoção sentida e não dita, que leva o homem a assumir uma postura desconcertante, culturalmente imprópria, quase desumana.

Percebe-se nesse instante, uma fuga momentânea da própria racionalidade, de um indivíduo que se coloca no meio ao mundo, a nível de criatura, reduzindo sua dimensão de homem pensante, a um

ser movido por sensações, embora desconexas, mas que, para ele representam um sentimento acalentador de independência. Nesse contexto é importante salientar, que o homem contemporâneo na obra, traça um perfil nos moldes do naturalismo ao reduzir o indivíduo à condição animalesca, zoomórfica.

De acordo com Schøllhammer (2009), a perda de autodeterminação e de rumo das personagens de ficção é uma particularidade de narrativas que oferecem o indivíduo como um tipo de fantoche, envolvido em situações que flertam com o inumano; jogos complexos de um destino que opera além de sua compreensão e controle.

Essa perda de referência no mundo torna o homem vulnerável e exposto a todas as atribulações possíveis e imagináveis, fazendo-o atuar com ausência de comando de si, sendo manobrado como uma marionete, por instantes de imenso desequilíbrio. Perfaz uma transformação entendida por Hall (2005) como uma subdivisão de autenticidade, onde o ser não compreende o que ocorre, sentindo-se desintegrado do mundo civil e cultural.

O narrador de *Harmada* acha-se num esgotamento de personalidade, manifesta em suas experiências sociais e sexuais, por isso percorre espaços em busca de concretizar seus anseios. Esse indivíduo, reflexo do homem contemporâneo, possui uma afluência sensualidade, que é disposta na obra em análise de forma espontânea e trivial, caracterizada por uma persistência em saciar seus instintos, não

importando em que circunstâncias ou modo como aparecem. O presente é contemplado, conforme a necessidade, sem promessas de uma progressão posterior, como revela a passagem: “[...] sonhei não me recorde com o quê, recorde que uma força informe conseguia me tragar, [...] não sem assombro, o gozo sexual, e tanto isso é verdade que acordei no instante exato de poluição” (NOLL, 2013, p.8).

Em outras ocasiões, o instinto sexual do narrador aflora sem qualquer sinal de preconceito cultural: “Amanda começou a se despir, [...] e entrou a agarrar e beijar sua companheira de espetáculo [...], as duas estavam ali, a fazer um amor descabelado, ruidoso, frenético. E eu? Eu me masturbava... desejando alisar, bolinar a bunda de Amanda [...]” (NOLL, 2013, p. 21).

A autonomia demonstrada pelo sujeito ao exprimir demasiado suas emoções, constitui uma particularidade marcante da contemporaneidade, pois simboliza um estado pós-moderno, inclusive ao fazer uso de uma linguagem interior desenfreada, liberal e independente, sem restrições e voltada apenas para si próprio.

O ser pós-moderno, exibido na narração em estudo, mostra-se com um intenso egotismo, que perturba seu vínculo social e o deixa disperso, gerando um confronto entre o interior e o exterior, como demonstra o excerto: “[...] debaixo do chuveiro, me perguntei se me faltavam comumente as lágrimas por uma questão de secreta fisiológica ou porque não havia em mim uma índole derramada. – Índole infeta [...] uma defecção de mim próprio [...]” (NOLL, 2013, p. 53).

Em outras passagens, constata-se igualmente, que mesmo tendendo a um estado constante de alienação, esse narrador não deixa de revelar resquícios de uma consciência, que esta possui parâmetros possibilitadores de desvalorização de suas inclinações, como se dá no trecho: “[...] pelo jeito, toda aquela teatralidade clandestina debaixo de água fria tinha como meta revolver à saciedade, não sei exatamente para quê [...] eu não poderia ser chamado de um homem bom [...]” (NOLL, 2013, p. 53).

De acordo com Benveniste (apud HUTCHEON, 1991, p. 214), a linguagem é “[...] a possibilidade da subjetividade porque sempre contém as formas linguísticas apropriadas à expressão da subjetividade, e o discurso provoca o surgimento da subjetividade porque consiste em situações discretas”.

A expressividade linguística demonstrada pelo narrador em foco revela as transformações pelas quais ele passa no decorrer das situações, visto que ao longo da narrativa tenta maturar sua existência, a partir da perspectiva de humanidade, quando através da reflexão oral, procura uma identificação no mundo.

## **2.4 A fragmentação**

A sociedade pós-moderna é resultado de alterações tecnológicas avançadas, que ao longo do tempo, demandaram uma ampliação de

instrução acelerada, provocando a descentralização do indivíduo e consequente desvalorização do vínculo afetivo.

Para Lyotard (2011, p. 28), as sociedades desenvolvidas seriam as “[...] sociedades informatizadas e o foco da condição pós-moderna seria a natureza e o estado de conhecimento e como ele é gerado, organizado e empregado [...]”, nas sociedades influenciadas e transformadas por tais avanços. Assim, com a divisão do homem em meio a intensa comunicação, os relacionamentos sólidos e duradouros foram reduzidos ao estado de conveniência e prazeres incomuns.

Em *Harmada*, todos os encontros afetivos do protagonista se sucederam rapidamente, no entanto, constata-se o empenho de um homem isolado, na perseguição de uma definição e função no mundo, que o leve para algum lugar. Esse homem envolve-se sexualmente com diferentes tipos de pessoa durante diferentes espaços de tempo. Relaciona-se a princípio com Sônia e Amanda, assumindo uma posição de amante, envolvendo-se num triângulo amoroso de pequenas e perversas realizações carnavais: “— Amanda, venha, venha que encontrei um homem para nós duas, venha, meu amor, venha!” [...] (NOLL, 2013, p. 20)

Contudo, o jogo sexual inusitado de satisfação e fantasia, por ser curto e vazio, não preenche as lacunas existentes no indivíduo de *Harmada*, que sedento de afetividade, deixou-se invadir. Ou seja, “a sexualidade não condensa mais o potencial de prazer e felicidade. Ela não é mais mistificada positivamente como êxtase e transgressão, mas

negativamente, como fonte de opressão, desigualdade, violência, abuso e infecção mortal.” (BAUMAN, 2004, p. 27)

E no mais, chega mesmo a assumir uma relação formal semelhante às convencionais: “[...] com Jane estou casando hoje, exatamente três meses depois dela chegar e me apresentar o endereço que nós nos encontrávamos naquele preciso instante.” (NOLL, 2013, p. 35). Mais adiante, acrescenta: [...], “Jane não está em casa. Só Deus sabe onde se meteu com o gato que me ajudou a segurar o caixão.” (NOLL, 2013, p. 39).

Como se pode verificar na primeira citação, o referido casamento já se inicia apontando certa singularidade em relação às convenções culturais ainda existentes na sociedade brasileira do século XX, singularidades essas que remetem aos tempos contemporâneos, das quais a brevidade dos processos, apontada por Bauman (2004). De início, tal brevidade manifesta-se no espaço de tempo de namoro do narrador inominado com Jane. Ou seja, de conhecimento mútuo prévio dos que se envolviam na pretensa relação matrimonial. Assim é que, tão logo confirmado oficialmente o vínculo matrimonial, surgem traços de insatisfação conjugal, como se manifesta da segunda citação acima, quando a esposa sente necessidades de novas aventuras e para vivenciá-las, deixa o esposo sozinho em casa. A falência matrimonial não tarda a se confirmar, bem como a tomada de consciência do narrador sobre suas possíveis razões: “O casamento inesperado e

apressado não possuía uma instabilidade amorosa e logo terminou, de maneira bastante impiedosa” (NOLL, 2013, p. 39).

No entanto, o estabelecimento dos vínculos do narrador de *Harmada*, também baseou-se na amizade. Os encontros repentinos com personagens inesperados, o fizeram refletir e assumir sentimentos e posturas diferentes, experimentando novas formas de pensar e agir. Primeiro Lucas, seu conselheiro e companheiro de asilo, que adorava suas histórias. “Eu e Lucas nos tornamos amigos. Ele me contava sua vida aos bocadinhos, no refeitório às vezes, outras andando pelo arborizado pátio do asilo” (NOLL, 2013, p. 44).

O reencontro com seu velho amigo Bruce, que esteve do seu lado quando ainda exercia sua profissão de ator. Eram confidentes e muito íntimos, devido as inúmeras ocasiões vivenciadas juntos. “Ali recostado no corpo de Bruce, pressentido que sono algum alcançaria me vencer naquela noite, pensei que agora que eu voltara ao meu trabalho tudo parecia ter adquirido proporções menores, se comparado ao meu período de asilo” (NOLL, 2013, p. 111).

Durante todo seu trajeto, o homem pós-moderno de *Harmada*, contraiu em diferentes momentos, personalidade distintas, que não deram conta de suprir seu interior, carente de pessoalidade e presença na sociedade.

Os embates acerca do narrador de *Harmada*, promoveram ao longo da narrativa, diversas possibilidades de reconhecimento e tentativa de aceitação no mundo.

Segundo Lyotard (1985) citado por Giddens (1991) a pós-modernidade se refere a um deslocamento das tentativas de fundamentar a epistemologia, e da fé no progresso planejado humanamente. Os encontros passageiros e inesperados do indivíduo, representam um ensaio para se adquirir respostas sobre as discussões relevantes a respeito das verdades, agora influenciadas pelos múltiplos saberes da sociedade.

Toda essa problemática gera a crise de identidade do sujeito, que não encontra objetivo consistente para ampará-lo e conduzi-lo ao descobrimento de si. A essência das relações desapareceu em meio a concorrência da sabedoria, das transformações físicas e psicológicas que atormentam e provocam a desestruturação do homem. A imagem se tornou mais importante que o conteúdo, os relacionamentos tornaram-se descartáveis e insustentáveis.

Todas as formas de relacionamento íntimo atualmente em voga portam a mesma máscara de falsa felicidade que foi usada pelo amor conjugal e mais tarde pelo amor livre ... Ao olharmos mais de perto e afastarmos a máscara, descobrimos anseios não-realizados, nervos em frangalhos, amores frustrados, sofrimentos, medos, solidão, hipocrisia, egoísmo e compulsão à repetição ... As performances substituíram o êxtase, o físico está por dentro, a metafísica, por fora ... A abstinência, a monogamia e a promiscuidade estão todas igualmente distantes da livre vida da sensualidade que nenhum de nós conhece. (BAUMAN, 2004, p. 31).

Assim, em meio ao pensamento de Bauman, constata-se a indefinição, e por conseguinte, a insatisfação do homem em relação a

sua existência. O sentimento de afeto, não consolidado em face da rápida transitoriedade de interesses particulares, restringe o universo humano, imprime-lhe um constante estado de insatisfação ao ponto de torná-lo instável, nervoso, incoerente. Assim, impossibilita-o de ter uma identidade própria, de saber quem é. Em tais circunstâncias, o homem pós-moderno de *Harmada*, sucumbe ao peso da sua realidade, imerge numa solidão sem fim por falta da referência significativa do outro.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo realizado no romance *Harmada*, de João Gilberto Noll, à luz do marco teórico que o embasa, permitiu verificar como a linguagem literária representa com maestria o homem contemporâneo e sua realidade.

A irritação e descontentamento do homem pós-moderno em relação à própria existência presentifica-se na narrativa ficcional por meio da falta de identidade do ser, da efemeridade das suas relações, da solidão e constante alienação que motivam a narrativa de Noll.

O autor, com habilidade e destreza estilística própria, soube demonstrar o homem na atualidade, que vivendo na pós-modernidade, apresenta um estilo pós-moderno, configurando assim, uma tentativa de entender a transformação cultural e global que o cerca.

***The post-modern man in João Gilberto Noll's novel  
'Harmada'***

*Abstract – The aim of the study is to discuss the novel 'Harmada', by João Gilberto Noll and verify how the post-modern man is stylistically symbolized in the historical context in which he is inserted. Therefore, we start from the premise of a possible dialogue between historical reality and art, through a theoretical research focusing on what is thought of post-modernity and its poetic expression in post-modernism, establishing a dialogue between literary theory (HUTCHEON, 1991), philosophy (GIDDENS, 2002) and sociology (BAUMAN, 2004; HALL, 2005). We discuss the post-modern man focusing on the concepts of identity and affection that allude to the human aspects perceived in the novel.*

*Keywords: Post-modernity. Post-modernism. Harmada. Identity. Affectivity.*

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e Estética: A teoria do romance**. 5. ed. São Paulo, Hucitec, 2002

BARTHES, Roland. **Aula Inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França**. Trad. e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. 14. ed., São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama: revisão técnica Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed. 1998.

\_\_\_\_\_. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora Unesp, 1991.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e identidade**. Tradução. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. São Paulo. Editora Loyola. Ed. 1992.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: História, Teoria, Ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

NASCIMENTO, JPC. **A condição pós-moderna de Jean-François Lyotard**. In Abordagens do pós-moderno em música: a incredulidade nas metanarrativas e o saber musical contemporâneo [online]. São Paulo: Editora Unesp, 2011. Disponível: <<http://books.scielo.org>>.

NOLL, João Gilberto. **Harmada**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **A criação do texto literário**. In Flores da escrivantina. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PUCCA, Rafaela Berto. O pós-modernismo e a revisão da história. In: **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**, v. 10, p. 69-76, 2007.

SCHÖLLHAMMER, Karl Eric. **Ficção Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

